



AHSD – ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CIV – CAPACITAÇÃO, INCLUSÃO, VISIBILIDADE

Elaine de Menezes Rocha Rosa ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo auxiliar no levantamento de questões relacionadas ao ambiente da sala de aula, a fim de tratar sobre a necessidade de metodologias, recursos e estratégias pedagógicas para a inclusão e visibilidade de alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AHSD). E, propor a capacitação de professores, gestores educacionais, órgãos governamentais, familiares, que em parceria busquem alternativas viáveis e mais apuradas de identificação, instrumentos mais amplos e precisos de diagnóstico, e programas de desenvolvimento e estimulação do potencial do alunado para que se possa estabelecer políticas que beneficiem à inclusão e dêem visibilidade a esses talentos em nosso país. O problema desta pesquisa é entender porque o tema Altas Habilidades/Superdotação (AHSD) é um tema negligenciado pela estrutura educacional do Brasil, porém de muita importância. O estudo se justifica por contribuir e atualizar a sociedade brasileira a um atendimento adequado e urgente aos alunos diagnosticados com AHSD, pois estes merecem especial atenção de todos os envolvidos na área da educação e políticas públicas de formação e atendimento, principalmente de seus professores que devem buscar capacitação adequada juntamente com seus diretores, coordenadores e orientadores educacionais para a identificação, reconhecimento e atendimento especializado destes alunos. O estudo tem como referencial teórico os conceitos de Howard Gardner e Joseph Renzulli.

Palavras-chave: Altas Habilidades/Superdotação, AHSD, Capacitação, Inclusão e Visibilidade, Atendimento Educacional Especializado (AEE).

INTRODUÇÃO

A inteligência humana, a sua origem e a sua constituição, buscam esclarecer a natureza do conhecimento. Vários são os argumentos e opiniões para explicar se o conhecimento tem origem em bases preexistentes a experiência e evolução humana ou se as relações estabelecidas com o meio social e econômico, fazem a bagagem cultural e cognitiva do indivíduo. As inteligências muitas vezes são consideradas como propriedade individual, mas são uma ferramenta para se chegar a objetivos culturais. Cada indivíduo oferece um perfil de

¹ Psicopedagoga com Especialização em Psicologia e Altas Habilidades/Superdotação. Licenciatura plena em Pedagogia com Habilitação em Orientação Educacional, Administração e Supervisão Escolar. Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda. Experiência de 30 anos na área de Educação, Alfabetização, Educação Especial e Inclusiva. Email: elainerocha7378@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9850089852346849>.

inteligências que interagem entre si ou isoladamente, conceitos fundamentados por Howard Gardner.

O problema desta pesquisa é entender porque o tema Altas Habilidades/Superdotação (AHSD) é um tema negligenciado pela estrutura educacional do Brasil, porém de muita importância, pois alunos com altas habilidades/superdotação, exigem a quebra de mitos e rótulos, dando obrigatoriedade ao atendimento especializado. Muitos mitos permeiam este tema e por isso, precisam ser dissolvidos.

O estudo se justifica por contribuir e atualizar a sociedade brasileira a um atendimento adequado e urgente aos alunos diagnosticados com AHSD, pois estes merecem especial atenção de todos os envolvidos na área da educação e políticas públicas de formação e atendimento. Nossos professores devem ter capacitação adequada juntamente com os profissionais envolvidos no processo de educação: diretores, coordenadores e orientadores educacionais para a Capacitação, Identificação, Visibilidade (CIV) e Atendimento Educacional Especializado (AEE) destes alunos.

O *corpus* do trabalho é AHSD – Altas Habilidades e Superdotação, com isso tornou-se indispensável efetuar estudo sobre o tema, seus termos, origem, características e cenário ao qual estão inseridos os alunos diagnosticados.

A base de dados escolhida envolveu livros, artigos, dados governamentais e de associações de AHSD. Além disso, foram pesquisados dados publicados pelas associações como: Associação Paulista para Altas Habilidades/Superdotação (APAHSD), CONBRASD (Conselho Brasileiro de Superdotação) e Revista Brasileira de Altas Habilidades e Superdotação. As legislações e políticas públicas foram pesquisadas no Ministério da Educação – MEC, Secretaria de Educação Especial e órgão representativos da área.

A pesquisa usou como referencial teórico a concepção das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner (FERRARI, 2008) e o modelo oficial da Concepção do Modelo Triádico de Superdotação dos Três Anéis de Renzulli (VIRGOLIM, 2014).

OBJETIVOS

- OBJETIVO GERAL

O presente estudo tem como objetivo geral:

- Levantar questões relacionadas ao ambiente da sala de aula, a fim de tratar sobre a necessidade de inclusão e visibilidade de alunos com AHSD.

- OBJETIVO ESPECÍFICO

O presente trabalho tem como objetivos específicos:

- Mostrar a importância pedagógica e social dos alunos diagnosticados com AHSD e sua contextualização social e cultural.
- Demonstrar que alunos identificados educacionalmente com AHSD devem ser atendidos de forma adequada, para evitar o desperdício de talentos de crianças, jovens e adultos brasileiros.

METODOLOGIA

O referencial do estudo está pautado nos conceitos teóricos dos psicólogos Howard Gardner com a Teoria das Inteligências Múltiplas, e Joseph Renzulli e a Concepção do Modelo Triádico dos Três Anéis, a partir de livros e artigos acadêmicos. Com base no referencial teórico, que é a fonte de dados utilizada na pesquisa, foi realizada pesquisa bibliográfica.

O procedimento metodológico adotado foi a contextualização conceitual com base na pesquisa documental, metodologia da pesquisa, realizada por meio de livros e artigos que abordam a temática.

Desta maneira foi possível estabelecer uma criteriosa análise com bases de dados distintas:

1. Análise da pesquisa teórica/bibliográfica;
2. Análise de documentos: dados de entidades governamentais, associações, institutos de pesquisa e demais dados divulgados que foram relevantes ao tema da pesquisa.

As expressões de busca utilizadas são: Altas Habilidades/Superdotação, AHSD, Capacitação, Inclusão e Visibilidade, Atendimento Educacional Especializado (AEE), pesquisadas nas bases de dados escolhidas e mencionadas anteriormente. O estudo é descritivo com base na análise qualitativa e tem como alicerce teórico de base autores como Howard Gardner e Joseph Renzulli. O referencial teórico da pesquisa tem suas bases de dados em conceitos centrais, sendo que os autores mencionados são os mais relevantes para a pesquisa.

1. AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

As inteligências muitas vezes são consideradas como propriedade individual, exemplo: uma pessoa tem inteligência linguística ou musical. Entretanto, é uma ferramenta para se chegar a bens culturais. Gardner insistiu que as inteligências devem ser empregadas para gerar



produtos ou ideias dentro de contextos culturais. As inteligências dos indivíduos são recursos a serem desenvolvidos para dar uma contribuição que beneficie não apenas o indivíduo, mas também uma comunidade ou sociedade a qual está inserido. O que leva as pessoas a desenvolver capacidades inatas são a educação que recebem e as oportunidades que encontram (FERRARI, 2008).

Para Gardner, cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos ainda não moldado pela cultura, o que só começa a ocorrer por volta dos 5 anos. A educação erra, ao não levar em conta os vários potenciais de cada um. Além disso, é comum que essas aptidões sejam sufocadas pelo hábito nivelador de grande parte das escolas. Preservá-las já seria um ganho ao aluno.

A Teoria das Inteligências Múltiplas pode servir de subsídio para as práticas pedagógicas da escola de forma a proporcionar diversos estilos de aprendizagem à criança, em que a maioria dos alunos possa apresentar maior desenvolvimento em vários domínios, evitando que o professor classifique a criança em apenas uma habilidade. As inteligências de Howard Gardner resumem-se em (FERRARI, 2008):

- Verbo-linguística: capacidade de usar as palavras na sua forma escrita ou oral;
- Lógico-matemático: capacidade de usar números e fazer medições e raciocínios;
- Espacial-visual: capacidade de perceber o mundo visuoespacial e transformá-lo;
- Corporal-cinestésica: capacidade de usar o corpo para expressão e produção de algo;
- Musical: capacidade de perceber, discriminar, transformar e expressar formas musicais;
- Interpessoal: capacidade de perceber e fazer distinções no humor, nas intenções, motivações e nos sentimentos de pessoas;
- Intrapessoal: capacidade de se conhecer e agir com base nesse autoconhecimento; e
- Naturalista: capacidade de conhecer e discriminar questões referentes à fauna, flora e ao meio ambiente.

Gardner afirma que cada pessoa tem capacidade de possuir todas as inteligências, porém, o que diferencia um indivíduo do outro é o grau de desenvolvimento. Desse modo, algumas pessoas podem ser altamente desenvolvidas, umas modestamente e outras relativamente subdesenvolvidas em relação ao restante. No entanto, para que a escola estimule todas as inteligências dos alunos, é essencial que o sistema educacional elabore estratégias curriculares que incentivem professores e alunos a usar múltiplos pontos de entrada para sustentar a aprendizagem (FERRARI, 2008).



2. MODELO TRIÁDICO DE SUPERDOTAÇÃO DOS TRÊS ANÉIS

Joseph Renzulli define a superdotação como os comportamentos que refletem uma interação entre os três agrupamentos básicos dos traços humanos sendo esses: envolvimento com a tarefa; criatividade; e capacidade acima da média (VIRGOLIM, 2014).

As pessoas superdotadas e talentosas são aquelas que possuem e/ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e que os aplicam a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho humano. A intenção de Renzulli é transmitir a ideia de que o indivíduo superdotado não precisa manifestar todos os três anéis, mas por possuí-los potencialmente, seria capaz de, em algum momento, expressá-los. A Teoria dos Três Anéis significa uma quebra do paradigma que afirma a inteligência, baseando-se apenas em testes de QI.

Renzulli preocupou-se com um conceito abrangente e inovador, e com a prática de ensino para pessoas com AH/SD. Criou um modelo de atividades extracurriculares para o desenvolvimento da superdotação, que pode-se aplicar fora da sala de aula. Isso surgiu a partir do resultado de suas pesquisas a respeito da avaliação de programas para superdotados e da observação das práticas educacionais. A sua sugestão de práticas de atividades para superdotados, denominou de Modelo Triádico de Enriquecimento (VIRGOLIM, 2014).

O Modelo Triádico compreende: atividades exploratórias gerais (TIPO I); atividades de treinamento em grupo (TIPO II); e as investigações de problemas reais, realizadas individualmente ou em pequenos grupos (TIPO III). O Enriquecimento do Tipo I, segundo Renzulli (Virgolim, 2014), consiste em "experiências e atividades exploratórias ou introdutórias destinadas a colocar o aluno em contato com uma ampla variedade de tópicos ou áreas de conhecimento, que geralmente não são contempladas no currículo regular." Favorece o contato do aluno com a diversidade de tópicos que não estão inseridos na disciplina/matéria escolar e que despertem o seu interesse e a sua curiosidade. Nas atividades de enriquecimento do Tipo II o objetivo é desenvolver nos alunos habilidades de "como fazer", instruindo-os na investigação de problemas. Para isso, são utilizados métodos, materiais e técnicas que contribuem para o desenvolvimento de elevados níveis de pensamento, aguçam suas habilidades criativas, críticas e científicas. No Enriquecimento do Tipo III, a abordagem principal dos trabalhos, é essencialmente um mecanismo de aprendizagem indutiva e qualitativamente diferente das experiências de aprendizagem oferecidas na maioria das situações escolares, sendo esse Tipo III muito defendido por Renzulli. Ele defende o equilíbrio entre métodos dedutivos e indutivos para aprendizagem de pessoas com AHSD. Neste enriquecimento os alunos são estimulados a



investigarem problemas reais utilizando métodos de investigação científicos que exigem de suas habilidades, produzem conhecimento novo propondo a solução destes problemas ou favorecem a apresentação de um produto ou serviço. O professor no Tipo III, tem o papel principal de ajudar os alunos a encontrar e focalizar em problemas autênticos, para substituir a aprendizagem passiva e mecânica pela aprendizagem independente, engajada e criativa (VIRGOLIM, 2014).

O Modelo Triádico de Enriquecimento, propõe que instituições de ensino identifiquem talentos e os desenvolva. Defende programas de atividade extracurricular que garantam a oportunidade, recursos e encorajem os estudantes para uma produção autônoma, criativa e de relevância tanto para o indivíduo quanto para a sociedade (VIRGOLIM, 2014).

3. POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

A Política Nacional de Educação Especial identifica como portadores de altas habilidades/superdotados, alunos com desempenho e elevada potencialidade nos aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora (PÉREZ, 2014).

Em relação ao cenário brasileiro, o tema Altas Habilidades/Superdotação é um tema negligenciado pela estrutura educacional do Brasil, porém de muita importância, pois alunos com altas habilidades/superdotação, exigem a quebra de mitos e rótulos, dando obrigatoriedade ao atendimento especializado. Muitos mitos permeiam este tema e por isso, precisam ser dissolvidos (ANTIPOFF, 2010).

O termo Altas Habilidades surgiu pela primeira vez no Brasil, no texto da Política Nacional de Educação Especial publicado pelo Ministério da Educação (MEC), em 1994. A apresentação do termo mostrou o esforço dos especialistas em Educação Especial em desmistificar o superdotado e atribuir a estes indivíduos algumas características muito desenvolvidas, por exemplo: senso de humor, ética e justiça, leitura precoce, interesses diferentes de seus pares, preferência por trabalharem ou estudarem sozinhas, e outros (MAIA, 2016).

A busca da identificação e posteriormente de atendimento aos alto-habilidosos/superdotados, possibilita caminhos e alternativas na busca do atendimento especializado no qual eles tem direito, conforme a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996).

Considerando cada aluno como ser único, especial, dotado de características próprias de personalidade. Direito de ser diferente e de ter suas necessidades especiais reconhecidas e atendidas pela sociedade.

Viver a realidade e executar o que é possível para atender da melhor maneira os alunos com AHSD, envolve infraestrutura, a hierarquia do poder público e político, juntamente com a instituição de ensino para a aplicação e atualização de um cadastramento (CENSO) para identificação destes alunos e posterior elaboração dos planos e programas curriculares para atendimento e participação efetiva destes alunos (FREITAS, 2010).

A promulgação da Lei de 31 de dezembro de 2015, publicada no Diário Oficial da União, veio estabelecer definitivamente a obrigatoriedade de cadastramento das pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação nos níveis de ensino Fundamental, Médio e Superior, seja nas instituições de ensino público ou privado.

Atualmente, o papel da Educação Especial, assume uma maior importância com a perspectiva de atender às crescentes exigências de uma sociedade em processo de renovação e busca incessante de democracia, que só será alcançada quando todas as pessoas, indiscriminadamente, tiverem acesso a informação, ao conhecimento e aos meios necessários para a formação de sua plena cidadania.

3.1 Amparo legal para a CIV do aluno com AHSD

O atendimento ao aluno com altas habilidades está fundamentado e amparado pelos seguintes documentos:

- Internacionais:
 - Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais (1994).
- Nacionais:
 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9394/96) – Artigos Nº 58 a 60 – 20/12/96;
 - Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares – Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais – 1998;
 - Plano Nacional de Educação – (Lei 10172/01) – 09/01/01;
 - Resolução Nº 2 do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica – 11/09/01;



- Parecer N° 17/01 do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica – 03/07/01;
- Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica do Ministério da Educação – 2002.

3.2 AEE – Atendimento Educacional Especializado

O Atendimento Educacional Especializado é um serviço da Educação Especial para atender aos alunos que possuem necessidades educacionais especiais durante sua vida escolar. Os alunos com necessidades especiais precisam de atendimento especializado. Os alunos com deficiência física, intelectual, visual, auditiva, múltiplas, transtornos do espectro autista (TEA) e também alunos com altas habilidades/superdotação são público-alvo do Atendimento Educacional Especializado (MEC, 2007).

Todo aluno no Brasil, desde a educação infantil até a educação superior, tem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) e esse atendimento pode ocorrer no contraturno da escola comum que o aluno possui matrícula, com o propósito de eliminar as barreiras para sua plena participação. O que muitos desconhecem é que não é o professor da escola comum que precisa ser especialista na deficiência do aluno.

Um professor de uma sala de aula comum que possui um aluno com necessidades educacionais especiais tem o direito por lei a um Atendimento Educacional Especializado, pois o AEE precisa prover condições de acesso, participação e aprendizagem desse aluno no ensino regular. A lei diz que a oferta de educação especial (AEE) deve ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino. Isso quer dizer que o ideal é que a escola comum tenha uma sala de recursos multifuncionais e uma equipe especialista para oferecer o atendimento educacional especializado dentro da escola (MEC, 1995).

O especialista do AEE faz a mediação entre o aluno e o professor da sala de aula comum, permitindo uma troca de experiência que contribua nesse processo educacional e em todo o contexto escolar, bem como a inserção na sociedade. Seu objetivo é eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

4. FAMÍLIA, ESCOLA, SOCIEDADE E SEUS PAPÉIS

Como profissional da área de educação, o(a) professor(a) busca diariamente na rotina pedagógica respostas para o ambiente da sala de aula onde se possa acolher, estimular, valorizar

e diversificar metodologias, recursos e estratégias pedagógicas para alunos de Inclusão, em observação ou identificados com AHSD.

Como mãe, há a “PERSISTÊNCIA” em buscar alternativas de visibilidade para alunos e familiares inseridos na Inclusão do século XXI, que necessitam de representatividade para serem reconhecidos, aceitos e atendidos de acordo com suas necessidades, afinal somos seres únicos, dotados de inteligência e necessidades especiais, também únicas.

A definição brasileira, apresentada na Política Nacional de Educação Especial de 1994 (MEC), define como portadores de AHSD os educandos com notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes; capacidade psicomotora.

A pergunta e talvez dúvida inicial de todo professor e pais de alunos com AHSD, é de como identificar e reconhecer se meu aluno(a) ou filho(a) apresenta características de enquadramento.

Crianças academicamente superdotadas, podem apresentar nos primeiros 5 anos de vida, algumas características que podem vir a serem percebidas por pais atentos ao seu desenvolvimento (WINNER, 1998): desenvolvimento físico precoce (sentar, engatinhar e caminhar antes do normal); maior tempo de atenção e vigilância, reconhecendo as pessoas que cuidam dela desde cedo; linguagem adquirida mais cedo, rapidamente progredindo para sentenças complexas, apresentando vasto vocabulário; aprendizagem rápida, com instrução mínima (pouca ajuda); curiosidade intelectual, com elaboração de perguntas em um nível mais avançado e persistência até alcançar a informação desejada; grande concentração quando estão interessadas em algo e persistência na busca de seus objetivos; interesses quase obsessivos em áreas específicas, a ponto de se tornarem especialistas nestes domínios; alto nível de energia, que pode levar à hiperatividade, quando são insuficientemente estimuladas.

Com relação às habilidades relacionadas à escola e aos fatores socioemocionais, algumas características podem ser percebidas por professores atentos e capacitados (WINNER, 1998): apresentam leitura precoce (por volta dos quatro anos ou antes); fascínio por números e relações numéricas; boa memória para informação verbal e/ou matemática; destaque em raciocínio lógico e abstrato; em decorrência de suas altas habilidades verbais, apresentam alto senso de humor; frequentemente brincam sozinhas e apreciam a solidão; preferência por amigos mais velhos, próximos a ela em idade mental; interesse por problemas filosóficos, morais,



políticos e sociais; frequentemente apresentam disparidade entre as áreas intelectual, psicomotora e linguística, desenvolvendo-se mais rapidamente em uma do que em outra.

Sendo assim, é válido lembrar a necessidade de técnicas de identificação e de diagnóstico, programas de desenvolvimento e estimulação para estabelecer políticas de aproveitamento de talentos e competências em nosso país (VIRGOLIM, 1998).

Outra pergunta essencial que deveria ser elaborada e respondida pela escola é de como contribuir para o aumento do número de alunos com AHSD indicados ou identificados para o Atendimento Educacional Especializado (AEE)?

Os professores não são formados para proceder a identificação de tais alunos que permanecem na invisibilidade por não terem características ou traços físicos que os identifiquem simultaneamente. As evidências fenotípicas de deficiências genéticas como a Síndrome de *Down*, ou comportamentais, como o Transtorno do Espectro do Autismo parecem mais familiares aos professores do que as incongruências observadas em alunos entediados devido às práticas pedagógicas desatualizadas, assimétricas aos talentos e pensamento crítico evidenciados pelos alunos que também não apresentam alto desempenho escolar, por não serem valorizados e estimulados pelos seus professores. Enquanto alunos superdotados são mantidos invisíveis nas escolas, são negligenciados em relação às suas potencialidades e interesse pelo conhecimento, são deixados de lado pelo rótulo e/ou mito de andarem sozinhos, não precisando do olhar pedagógico do professor.

Professores bem formados no atendimento às necessidades dos alunos superdotados podem prevenir o *bullying* causado por sentimentos impróprios em relação a este alunado. Podem ajudar às famílias a entender melhor as crianças e os adolescentes de acordo com os perfis que cada um apresenta. Podem colaborar com a organização dos currículos de acordo com os interesses de cada aluno. Podem ajudar a encontrar especialistas nas áreas de interesse dos alunos precoces e autodidatas. Podem ajudar na construção do autoconhecimento de cada um inclusive de si mesmo (DELOU, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a temática AHSD fica evidente que a natureza do conhecimento envolve a inteligência humana. As inteligências muitas vezes são consideradas como propriedade individual, mas são uma ferramenta para se chegar a objetivos culturais. Nota-se claramente que cada indivíduo oferece um perfil de inteligências que interagem entre si ou isoladamente. Os alunos com altas habilidades/superdotação, são envolvidos por muitos mitos que permeiam



o tema AHSD e exigem a quebra de mitos e rótulos, dando obrigatoriedade ao atendimento especializado (ANTIPOFF, 2010).

Apesar do amparo legal, das diretrizes educacionais, a sociedade brasileira, governo, entidades representativas, escolas, famílias e os diferentes atores envolvidos (professores, coordenadores, diretores, gestores) precisam não somente tomar conhecimento do tema, das dificuldades enfrentadas, mas sobretudo possibilitar atendimento adequado e urgente aos alunos diagnosticados com AHSD, pois estes merecem especial atenção de todos os envolvidos na área da educação e políticas públicas de formação e atendimento (PÉREZ, 2014).

Especialmente os professores, devem se capacitar de maneira adequada juntamente com seus gestores educacionais para a identificação, reconhecimento e atendimento especializado destes alunos (FREITAS, 2010) através de fundamentos reconhecidos pelo MEC.

Mediante levantamento realizado no estudo, é notória a importância pedagógica e social dos alunos diagnosticados com AHSD que se identificados, reconhecidos e atendidos de forma adequada, terão seus talentos potencializados e contribuirão exponencialmente para o desenvolvimento da nação, possibilitando a inversão do quadro atual caótico, de desperdício e negligência de talentos.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO, APAHSD. Legislação pertinente. Disponível em: <<http://apahsd.org.br/legislacao-pertinente/>>. Acesso em 03/01/2020, às 21h12.
- ANTIPOFF, Cecília A.; CAMPOS, Regina. H. F. Superdotação e seus mitos. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 301-309, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n2/a12v14n2.pdf>>. Acesso em 19/02/2020, às 14h12.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/ superdotação e talentos. Brasília: MEC/SEESP, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32300>. Acesso em 15/02/2020, às 21h44.
- DELOU, Cristina M. C. Ensaio autoral sobre a trajetória da educação dos superdotados no Brasil. Rio de Janeiro, 08/02/19.
- FERRARI, Márcio. Howard Gardner, o cientista das inteligências múltiplas. S. Paulo, Revista Nova Escola Gestão Escolar, Ed.Abril, Out. 2008. 5p. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas>>. Acesso em 27/11/19, às 18h15.
- FREITAS, Soraia Napoleão; PÉREZ, Susana Graciela Pérez B. Altas habilidades/superdotação: atendimento especializado. Marília: ABPEE, 2010.
- MAIA, Heber (organizador). Necessidades Educacionais Especiais. 2ª edição. Coleção Neuroeducação – volume 3. Wak Editora. Rio de Janeiro, 2016.



PÉREZ, S. G. B. Estado Do Conhecimento na Área de Altas Habilidades /Superdotação no Brasil: Uma Análise das últimas décadas. CONBRASD. Disponível em: <<http://32reuniao.aped.org.br/arquivos/trabalhos/GT15-5514--Int.pdf>>. Acesso: 10/01/20, às 14h44.

PÉREZ, S. G. B.; FREITAS, S. N. Políticas públicas para as Altas Habilidades/ Superdotação: incluir ainda é preciso. Rev.Educação Especial,v.27,n.50,set./dez.2014. Disponível:<<https://periodicos.ufsm.br/index.php/educacaoespecial/article/view/14274>>. Acesso 18/02/20, às 19h14

REZZULLI, J.S. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a produtividade criativa. In: VIRGOLIM, Angela M. Altas habilidades, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar. Campinas (SP): Papirus, 2014.

Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. [2. ed.] /coordenação geral SEESP/MEC. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 143 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>>. Acesso em: 01/02/2020, às 10h18.

VIRGOLIM, Angela M. R. Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secret. Educação Especial, 2007. Disponível: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004719.pdf>>. Acesso em 06/02/2020, às 14h08.

WINNER, E. Crianças Superdotadas. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.